

RELAÇÕES DE HERANÇA EM ORAÇÕES TRANSITIVAS: O MECANISMO DE EXTENSÃO METAFÓRICA

Nedja Lima de LUCENA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
nedjalucena@yahoo.com.br

Maria Angélica Furtado da CUNHA

Universidade Federal do Rio de Janeiro
angelica@ufrnet.br

Resumo

Este artigo tem por objetivo investigar, alicerçado na Linguística Cognitivo-Funcional, um dos tipos de relação de herança nas orações transitivas: o mecanismo de extensão metafórica. Intentamos buscar, no modelo da gramática de construções e no paradigma da gramaticalização, motivações para a compreensão desse fenômeno. Com base em dados empíricos, a pesquisa evidencia que a codificação sintática (Sujeito – Verbo – Objeto) de uma oração transitiva corresponde a diferentes molduras semântico-pragmáticas, ligadas entre si pelo mecanismo de extensão metafórica. Essas molduras não são aleatórias, mas estão relacionadas à experiência, isto é, ao modo como os seres humanos apreendem o mundo e falam sobre ele.

Palavras-chave

oração transitiva; construções; gramaticalização; extensão metafórica.

Introdução

Fenômenos como transitividade, estrutura argumental e, mais recentemente, construções têm sido centrais na investigação da gramática das línguas naturais. A ideia é que as construções – emparelhamento de forma e significado – são as unidades básicas da gramática e, por esse motivo, são cruciais para a descrição da língua (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001).

Nesse contexto, alguns linguistas têm tentado estabelecer um diálogo entre o modelo da gramática de construções e o paradigma da gramaticalização (DIEWALD, 2006; NÖEL, 2007; TRAUGOTT, 2009, entre outros). A gramaticalização é entendida aqui como a mudança por meio da qual itens lexicais e construções surgem em certos contextos linguísticos para desempenhar funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções (HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

Segundo o modelo construcional, as construções podem formar uma rede conectada por relações de herança motivadas por propriedades de construções particulares. Essas relações de herança podem ser descritas em termos de: *ligações de polissemia*, *ligações de instâncias*, *ligações de subpartes* e *ligações de extensão metafórica* (cf. GOLDBERG, 1995).

No presente artigo, concentramo-nos na investigação das ligações de extensão metafórica em orações transitivas. Tomamos como foco de análise orações sintaticamente transitivas (codificadas como Sujeito – Verbo – Objeto), com o propósito de mostrar que essa forma sintática é pareada com significados diversos, mas conectados, nos casos analisados aqui, pelo mecanismo de extensão metafórica.

A extensão metafórica está relacionada tanto ao modelo da gramática de construções como ao paradigma da gramaticalização, e é um dos fatores que motivam a polissemia de sentidos de um padrão gramatical. Por essa razão, valemo-nos da orientação teórica de ambas as abordagens para compreender o fenômeno sob análise.

Utilizamos como fonte de dados empíricos o *Corpus Discurso & Gramática*: a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998). Esse *corpus* é formado por diferentes tipos textuais, cada um deles produzido por vinte informantes em diferentes níveis de escolarização. Cada informante produziu dez textos, sendo cinco na modalidade oral e cinco correspondentes na modalidade escrita, distribuídos em tipos textuais distintos: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. Aqui, as amostras totalizam um conjunto de quarenta textos, sendo vinte textos orais e vinte textos escritos, produzidos por quatro informantes do último período universitário.

Transitividade verbal

Na gramática tradicional, em geral, a transitividade é compreendida como uma propriedade inerente ao verbo. São transitivos os verbos que exigem termos

que lhes completem o sentido, enquanto nos verbos intransitivos “a ação não vai além do verbo” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 147). Isso significa que a classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo depende da presença/ausência de um Sintagma Nominal/Sintagma Preposicional codificado como objeto: são transitivos os verbos acompanhados de complemento objeto (direto ou indireto); são intransitivos aqueles verbos que não apresentam objeto.

Por outro lado, a linguística contemporânea tem oferecido um amplo número de pesquisas voltadas para a análise de fenômenos relacionados à transitividade, dentre as quais destacamos: Hopper e Thompson (1980); Givón (2001); Thompson e Hopper (2001); Furtado da Cunha e Souza (2007). De um modo geral, esses estudos compartilham a ideia de que a transitividade se manifesta a partir de fatores sintático-semânticos e discursivo-pragmáticos que são simbioticamente dependentes.

Thompson e Hopper (2001) explicam que a transitividade não é uma propriedade inerente ao verbo, mas uma propriedade escalar da oração. Apenas na oração como um todo é possível observar as relações entre o verbo e seus argumentos, isto é, a gramática da oração. Esses autores analisam a oração transitiva a partir da observação de dez parâmetros distintos¹ que determinam gradualmente se a oração é mais ou menos transitiva. Sob a ótica de Givón (2001), a oração transitiva apresenta, no mínimo, dois participantes: um agente e um paciente. O primeiro, codificado sintaticamente como sujeito, é o responsável pela ação; o segundo, codificado sintaticamente como objeto direto, é o paciente da ação verbal. Essa configuração caracteriza o protótipo (cf. seção 2 a seguir) de um evento transitivo, no qual um agente age para causar uma mudança de estado ou de condição de um paciente.

Givón afirma que três parâmetros definem o evento transitivo prototípico: a) *agentividade* – ter um agente intencional ativo; b) *afetamento* – ter um paciente concreto afetado; e c) *perfectividade* – envolver um evento concluído, pontual. Todavia, o autor ressalta que os traços semânticos – agentividade, afetamento e perfectividade – são graduais, uma vez que o afetamento do objeto pode ocorrer de maneira parcial ou total, dependendo da agentividade do sujeito e do completamento da ação.

A perspectiva cognitivo-funcional

O presente trabalho tem como suporte teórico a Linguística Funcional (por meio do paradigma da gramaticalização) e a Linguística Cognitiva (por meio da gramática de construções), aqui tomadas como *abordagem cognitivo-funcional* (ou *Linguística baseada no uso*)². Essa abordagem caracteriza uma

¹ Participantes; cineses; aspecto do verbo; pontualidade do verbo; intencionalidade do sujeito; polaridade da oração, modalidade da oração; agentividade do sujeito; afetamento do objeto e individualização do objeto. Para uma descrição mais detalhada desses parâmetros, cf. Furtado da Cunha e Souza (2007).

² O termo “cognitivo-funcional” foi introduzido por Tomasello (1998; 2003).

agenda de estudos linguísticos advindos de Langacker (1991; 2000), Croft (1991; 2001), Goldberg (1995; 2006), Givón (1995), Bybee (1995), Tomasello (1998; 2003), *inter alia*. A ideia central que direciona a abordagem é o fato de conceber as estruturas linguísticas como emergentes da língua em uso.

Para essa abordagem, o conhecimento linguístico – conhecimento de significado e forma – é basicamente uma estrutura conceptual. Os processos cognitivos que governam o uso linguístico, especialmente a produção e a comunicação de significado pela linguagem, são os mesmos que governam outras habilidades cognitivas (como percepção visual, atividade motora, entre outras); portanto, não é necessário distinguir conhecimento linguístico de conhecimento não-linguístico (CROFT; CRUSE, 2004).

A língua, em toda a sua dimensão simbólica, é um organismo vivo e serve aos fins comunicativos dos falantes engajados em experiências sociocomunicativas. Com base nessas experiências, os padrões linguísticos se moldam e se cristalizam na gramática. Por sua vez, Bybee (2010, p. 9) aponta que “a gramática pode ser pensada como a organização cognitiva de uma experiência com a linguagem”.

De acordo com a perspectiva cognitivo-funcional, não há fronteiras nítidas entre léxico e gramática, de modo que diferentes domínios, como sintaxe, semântica e pragmática, são inter-relacionados e interdependentes. Dessa maneira, as categorias podem ser pensadas em termos de protótipos. Isso significa que as entidades são distribuídas num contínuo considerando-se seus atributos, mais centrais ou periféricos, e não a partir de um contraste binário como preconiza a abordagem tradicional (TAYLOR, 1995).

Gramática de construções e gramaticalização

O modelo construcional abriga a concepção de que todas as unidades da língua, desde o menor morfema aos mais complexos padrões gramaticais, são *construções*, ou “um emparelhamento aprendido de forma com função semântica ou discursiva” (GOLDBERG, 2006, p. 5). Assim, um padrão linguístico é reconhecido como uma construção quando algum aspecto da sua forma ou função não é predizível pelos elementos individualmente presentes em sua composição, nem por outras construções pré-existentes na língua (GOLDBERG, 1995; 2006).

Na perspectiva de Croft (2001), na construção, propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas estão relacionadas à forma; propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais estão relacionadas à função. Forma e função, entidades inseparáveis, estão ligadas por um elo de correspondência simbólica.

As construções oracionais simples estão diretamente associadas às estruturas semânticas que refletem cenas básicas da experiência humana (*scene encoding hypotheses*, nos termos de Goldberg): movimento, transferência, causação, posse, estado ou mudança de estado.

Sob o prisma construcional, é possível dizer que a língua é um inventário de construções, umas mais centrais e outras mais periféricas, conectadas entre si por meio de relações de herança. Isso implica dizer que, a partir de uma construção básica, redes de construções organizam-se e se estabelecem (SALOMÃO; MIRANDA, 2009).

Das relações de herança que podem se estabelecer entre construções, destacamos as ligações de extensão metafórica. Nesse tipo de ligação, duas construções são relacionadas por um mapeamento metafórico que parte da construção dominante para a construção dominada via metáfora. Um caso desse tipo de ligação no inglês é fornecido por Goldberg (1995, p. 81). A construção de movimento causado, como *Joe kicked the bottle into the yard*², estende seu significado para a construção resultativa *Joe kicked Bob black and blue*. Nesse caso, a mudança de locação do objeto (*into the yard*), própria da construção dominante (movimento causado), é reinterpretada como uma mudança de estado do objeto (*black and blue*) presente na construção dominada (resultativa). Assim, a construção resultativa pode ser vista como uma extensão metafórica da construção de movimento causado.

O paradigma da gramaticalização está associado à ideia de que a gramática é emergente, isto é, a gramática de uma língua muda constantemente e está num contínuo fazer-se (HOPPER, 1987). Isso significa que as estruturas da língua moldam-se e se ritualizam de acordo com as necessidades comunicativas dos seus usuários. A gramaticalização está, pois, relacionada a esse processo de ritualização, no qual uma forma linguística, ou parte dela, adquire novas funções em certos contextos.

No âmbito da gramaticalização, uma asserção corrente é que os processos de mudança podem ser compreendidos em termos de experiências humanas mais concretas que se estendem para menos concretas (HEINE, 2003). Em outras palavras, padrões de transferência concreta são recrutados para dar conta de funções abstratas via extensão metafórica, como é o caso do verbo *ir*, que alarga seu significado concreto (movimento espacial) para um mais abstrato (marcador de tempo futuro). Martelotta (2010, p. 54) explica que

entidades concretas, perceptíveis pelos nossos sentidos corporais, e portanto, mais claramente delineadas e estruturadas, servem de base para a nossa compreensão de ideias abstratas, sensações e, de um modo geral, experiências não físicas, que, por sua natureza mental ou sensorial, são mais difíceis de serem conceptualizadas.

Outro ponto central no paradigma da gramaticalização diz respeito à passagem de um item lexical para uma função gramatical. Na gramática de construções, léxico e gramática não são domínios estanques, mas formam um contínuo. Rios de Oliveira (2010), retomando Bybee (2003), explica que “de-

² Nem sempre há uma correspondência direta entre as construções do inglês e do português. Logo, os exemplos serão mantidos em sua forma original.

vemos falar em gramaticalização de uma construção como um todo de sentido e forma” (p. 34).

O trabalho de Traugott (2003) evidencia a inter-relação entre forma e sentido ao tomar a gramaticalização como um processo associado a contextos morfosintáticos e pragmáticos específicos. Em seu texto mais recente (2009), a autora esclarece que a gramaticalização pode trazer as seguintes vantagens para o modelo da gramática de construções: mudança dinâmica e emergência através do tempo e de falantes; desenvolvimentos semasiológicos; unidirecionalidade; a hipótese de que construções podem se gramaticalizar em qualquer nível. Por outro lado, a autora sugere que o modelo da gramática de construções pode trazer benefícios para os estudos de gramaticalização por meio do foco em: pareamento entre forma e função; alinhamentos passo a passo em padrões e construções gramaticais via significado > forma; desenvolvimentos onomasiológicos.

É nosso interesse observar quais aspectos do modelo da gramática de construções e do paradigma da gramaticalização podem ser utilizados para dar conta do fenômeno sob análise.

Análise de orações transitivas no *Corpus*

No *Corpus D&G*, foram coletadas 863 orações transitivas, 676 nos textos orais e 187 nos escritos. Com o intuito de investigar o comportamento dessas orações, tomemos o dado (1), em que figura uma oração básica formada por Sujeito – Verbo – Objeto, a qual representa alguém movendo algo:

- (1) *o professor me chamou pra fazer uma limpeza geral no laboratório ... chegando lá ... ele me fez uma experiência ... ele me mostrou uma coisa bem interessante que ... pegou um béquer com meio d'água e colocou um pouquinho de cloreto de sódio pastoso ... então foi aquele fogaréu desfilando (Corpus D&G, Fala, p. 50).*

A moldura semântica da oração é composta por uma entidade agentiva na posição de sujeito (*ele= o professor*) responsável pela execução da ação (*pegou*). Prevê, também, uma entidade paciente (*um béquer com meio d'água*), afetada, pois sofre uma mudança de localização física pela ação desencadeada pelo agente.

Quando observamos (2), percebemos que o impacto no paciente está relacionado a uma mudança de estado:

- (2) *Chegaram a momentos gloriosos onde aquele pai de família pôde gastar seu dinheiro na cidade, e agora pudesse realizar o sonho de sua esposa, que era comprar uma cama igual a de seu Tomaz boladeira. Mas ele não teve sorte na cidade, pois, um soldado amarelo discutiu com ele e o espancou (Corpus D&G, Escrita, p. 50).*

A amostra em (2) descreve uma entidade causativa (\emptyset =*um soldado amarelo*) que desencadeia uma ação (*espancou*) que provoca, no contexto dado, a mudança de estado, ou o afetamento, de uma entidade paciente (*o= pai de família*).

Como se pode ver, ambos os casos referem-se a uma alteração concreta dos pacientes, seja ela de localização física (1), ou de estado (2). Há uma transferência de energia de ambos os agentes, a qual causa uma mudança nas entidades pacientes. Na perspectiva de Givón (2001), casos como (1) e (2) estão relacionados ao protótipo de um evento transitivo, uma vez que em seu enquadre semântico estão implicados a agentividade do sujeito e a afetamento, físico ou de condição, do objeto, bem como o fato de os eventos serem apresentados como concluídos.

As amostras a seguir compartilham a mesma moldura sintática dos casos anteriores, mas se diferenciam destes na medida em que descrevem uma entidade que se move, mas não afeta o objeto:

- (3) Mais à frente conseguimos localizar um lugar fantástico. Fica a uns cem metros da pista. Deixamos o carro e *subimos uma duna*, com vegetação, até o seu topo. (*Corpus D&G, Escrita, p. 169*).

O trecho em (3) denota um evento em que uma entidade agente (\emptyset =*nós*) pratica uma ação (*subimos*) intencional, controlada e mais durativa do que nos casos anteriores, mas que não desencadeia nenhuma mudança física ou de condição da segunda entidade (*uma duna*).

Assim, no dado (3) o referente do objeto direto é o ponto para onde se dirige a ação/movimento do agente. Entretanto, a perspectiva imposta pelo falante interpreta metaforicamente o referente do objeto direto (*uma duna*) como uma entidade afetada pela ação verbal, pois subir uma duna enfatiza a mudança de ausência para presença de pessoas na duna (LUCENA, 2010).

As ocorrências em (4) e (5) apresentam a mesma estrutura sintática dos dados anteriores:

- (4) ao chegarmos nesta cidade *sentimos logo a situação econômico da cidade*. Indo ao centro onde se concentra a classe média alta e baixa (*Corpus D&G, Escrita, p. 91*).
- (5) Era uma tarde linda e ainda tinha uma réstia de sol sobre... as galhadas secas ... Marcos *eu vi um pássaro* ... um pássaro ... amarelo com marrom e branco com uma crista assim sobre a cabeça ... um cocar assim de penas ... rapaz que pássaro lindo (*Corpus D&G, Fala, p. 124*).

A oração em (4) designa uma experiência sensorial na medida em que a primeira entidade (\emptyset =*nós*) experimenta um sentir, um perceber; o segundo participante (*a situação econômico da cidade*) é o que estimula essa experiência. Na amostra (5) é denotado um processo mental (*ver*) pelo qual passa a entidade codificada sintaticamente como sujeito (*eu*) – o experienciador. O referente do objeto direto (*pássaro*) não sofre afetamento, apenas é o estímulo da experiência vivida pelo sujeito.

As orações em (4) e (5) exibem outro caso de extensão metafórica, dessa vez relacionado às construções transitivas cujos verbos designam atividades mentais/cognitivas nas quais o referente do sujeito é o experienciador (*nós* /

eu) do evento. Nessas situações, o referente do objeto direto (*a situação econômico da cidade / um pássaro*) não registra nenhuma mudança perceptível; é o experienciador que, de alguma forma, muda interna e cognitivamente. Furtado da Cunha e Souza (2007, p. 35) explicam que:

a extensão metafórica [...] se explica em termos de o sujeito ser ou um agente ou um experienciador, isto é, um humano-animado cuja importância no evento é alta e cujo campo perceptual é estendido para o objeto, que é então metaforicamente interpretado como afetado pela ação verbal.

Dito de outro modo, a construção dominante, que exibe um sentido mais concreto de mudança de um paciente, como (1) e (2), estende seu padrão formal para construções que implicam mudanças menos concretas, como as demais, em (3-5).

Disponibilizamos, a seguir, os dados empíricos coletados no *Corpus*, os quais mostram os diferentes tipos de afetamento descritos pelos eventos codificados pelas orações transitivas:

Tipos de afetamento nas orações do <i>Corpus</i>	Fala 676 (100%)	Escrita 187 (100%)	Total 863 (100%)
Afetamento concreto: <i>Alguém causa uma mudança física e/ou de condição num paciente</i>	493 (73%)	116 (62%)	609 (70,5%)
Afetamento abstrato ¹ : <i>locativo reinterpretado como entidade afetada</i>	110 (16,3%)	50 (26,7%)	160 (18,5%)
Afetamento abstrato ² : <i>mudança interna/cognitiva no sujeito experienciador</i>	73 (10,7%)	21 (11,3%)	94 (11%)

TABELA 1 – Distribuição dos tipos de afetamento nas orações do *Corpus*

Os dados mostram que há uma frequência bem maior (70,5%) de orações que descrevem uma mudança concreta numa entidade paciente em relação àquelas que descrevem um afetamento abstrato, tanto nos dados da fala (73%) quanto nos da escrita (62%). Se pensarmos em termos de trajetória de gramaticalização, podemos assumir que as construções transitivas aqui analisadas podem ser dispostas num contínuo *concreto > abstrato*.

Esse resultado é esperado, uma vez que o sentido básico da construção é ampliado para outras construções via extensão metafórica. Desse modo, as construções podem se gramaticalizar (assumir novos sentidos) em qualquer nível, como resultado da negociação de sentidos pelos interlocutores.

Taylor (2003) argumenta que as construções podem ser analisadas em termos de protótipos e mostra que a construção transitiva pode exibir gradualidade em termos dos papéis semânticos dos seus participantes, como em *The lightning destroyed the tree* e *I read the book*. Ambos os casos se afastam do protótipo, pois o primeiro não ocorre com um agente intencional (*the lightning*), mas com uma força da natureza, e o segundo caso apresenta uma entidade (*the book*) que não é afetada pela ação verbal. Esse afastamento ainda é

mais proeminente em *I've forgotten his name*, pois o participante (*I*) é descrito não mais como um agente, mas um experienciador. Segundo Taylor, “quando o verbo codifica um estado mental, a propriedade de protótipo é perdida” (2003, p. 234).

Além disso, o sentido básico da construção transitiva prototípica parece estar atrelado à ideia de causação. Lakoff e Johnson (1980) esclarecem que a noção de causação é básica para as atividades humanas e que, de maneira geral, a causação prototípica envolve a “manipulação direta de um objeto”, por exemplo, quando utilizamos uma folha de papel para fazer um aviãozinho. Conforme os autores, esse protótipo emerge da nossa experiência e a partir dele outros tipos de causação são elaborados metaforicamente.

Goldberg (1995; 2006) amplia a ideia de Taylor e argumenta que cada construção exibe uma estrutura prototípica e está associada a uma família de sentidos intimamente vinculados. A autora mostra que uma construção ditransitiva no inglês, por exemplo, implica um agente agindo para causar a transferência de um objeto a um recipiente. Esse é o sentido básico, ou central, da construção. Entretanto, ela esclarece que muitas construções ditransitivas no inglês não implicam uma transferência bem sucedida do objeto para um recipiente, como em *Chris baked Jan a cake*, que não significa necessariamente que *Jan* recebeu de fato o bolo. Para Goldberg, quando isso acontece, pode-se dizer que é um caso de polissemia construcional, isto é, a mesma forma é pareada com sentidos distintos que se relacionam. A polissemia construcional está diretamente associada à ideia de extensão metafórica: as extensões metafóricas têm sua origem no sentido central da construção. No caso da construção ditransitiva, “o sentido básico está mais relacionado à transferência concreta” (GOLDBERG, 1995, p. 33); assim, desse sentido básico derivam os demais, não-concretos e metafóricos.

Esse processo pode ser aplicado às construções transitivas que implicam um afetamento mais concreto e perceptual do participante codificado como objeto direto ([*um soldado amarelo*] *o espancou*) para um “afetamento” menos perceptual e mais abstrato (*sentimos logo a situação econômico da cidade*). Os significados que se estendem herdam a grade argumental da construção mais transitiva. Desse modo, as construções são estendidas de várias maneiras e permitem ao falante utilizar e interpretar o padrão básico (familiar) em diversos contextos. A esse propósito, ver Furtado da Cunha (2011).

Considerações finais

Este artigo buscou examinar a relação, via extensão metafórica, entre orações transitivas em dados reais de fala e escrita. A extensão metafórica, tal como definida no modelo da gramática de construções e no paradigma de gramaticalização, permite estender conceitos que estão mais próximos da experiência humana concreta para domínios mais abstratos.

Evidenciamos que a oração transitiva, cujo padrão sintático (formal) é composto por Sujeito – Verbo – Objeto, pode ser pareada com sentidos (funções) distintos, mas conectados. O sentido mais concreto aponta para uma entidade que age deliberadamente causando uma mudança física e/ou de condição num paciente. Todavia, o padrão oracional dessa construção é ampliado para abarcar usos em que o afetamento do paciente é menos concreto ou visível, como nas ocorrências em que o locativo (ponto para onde se dirige a ação verbal) é reinterpretado como uma entidade afetada, ou como naquelas em que a mudança é registrada internamente no sujeito experienciador.

As explicações para as conexões que se estabelecem entre os casos analisados aqui convergem para o modelo construcional e para a gramaticalização. Da primeira abordagem, ratifica-se a ideia de que as construções são redes de sentidos intimamente relacionados e motivados por relações de herança; da segunda, confirma-se a concepção de que os padrões linguísticos se ritualizam a partir do movimento concreto > abstrato. A tentativa de correlacionar o modelo da gramática de construções e o paradigma da gramaticalização é um campo fértil no terreno das investigações linguísticas. Além do mais, o diálogo entre as duas abordagens deve estar atrelado ao exame de dados linguísticos reais, a fim de verificar a viabilidade desse diálogo e superar deficiências que uma ou outra abordagem possa apresentar.☐

Recebido em 18/12/2010. Aceito em 05/04/2011

LUCENA, N. L; CUNHA, M. A. F. INHERITANCE RELATIONS IN TRANSITIVE CLAUSES: THE METAPHORICAL EXTENSION MECHANISM

Abstract

This paper aims at investigating, based on Cognitive-Functional Linguistics, one of the types of inheritance relations in transitive clauses: the mechanism of metaphorical extension. We attempt to search in the construction grammar model and in the paradigm of grammaticalization motivation for understanding this phenomenon. The analysis of empirical data demonstrates that the syntactic coding (Subject – Verb – Object) of a transitive clause corresponds to different semantic-pragmatic frames, linked by the mechanism of metaphorical extension. Those frames are not random, but related to experience, that is, to the way human beings apprehend the world and talk about it.

Keywords

transitive clause; constructions; grammaticalization; metaphorical extension

Referências

BYBEE, J. Regular morphology and the lexicon. *Language and Cognitive Process* 10, p.125-455, 1995.

_____. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (eds.). *A handbook of historical linguistics*. Malden: Blackwell, 2003.

_____. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, 2001.

_____. *Verbs: aspect and argument structure*. Oxford: Oxford University Press, 2010 (Draft).

CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions* SV1-9/2006 (www.constructions-online.de, urn:nbn:de:0009-4-6860, ISSN 1860-2010), 2006.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFERN, 1998.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

_____. *Syntax*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the Nature of Generalization in Language*. New York: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (eds.). *A handbook of historical linguistics*. Malden: Blackwell, 2003.

HOPPER, P. Emergent Grammar. *Berkeley Linguistics Society*, v. 13, 1987.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 56, 1980.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University

Press, 1993.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive Grammar*. v.1. Stanford: Stanford University Press, 1991.

_____. A dynamic usage-based model. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. *Usage-based model of language*. Stanford: SLI Publications, 2000.

LUCENA, N. L. 2010. 145fls. *A relação gramatical objeto direto: implicações para o ensino de língua materna*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

MARTELOTTA, M. E. Categorias cognitivas e unidirecionalidade. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010.

NÖEL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Functions of language*, 14, 2, 2007.

RIOS DE OLIVEIRA, M. Categorias cognitivas em debate: a trajetória dos pronomes locativos no português. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010.

SALOMÃO, M. M.; MIRANDA, N. S. (orgs.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2009.

SLOBIN, D. I. The origins of grammatical encoding of events. In: HOPPER, P.; THOMPSON, S. (Eds.). *Syntax and semantics* v. 15 (Studies in transitivity). New York, Academic Press, 1982.

TAYLOR, J.R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

THOMPSON, S. A.; HOPPER, P. Transitivity, clause structure, and argument structure: evidence from conversation. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

TOMASELLO, M. Ed). *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

_____. (Ed). *The new psychology of language*. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (eds.). *A handbook of historical linguistics*. Malden: Blackwell, 2003.

_____. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. de (org). *História do Português Paulista*. Série Estudos, Vol. 1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009.